

5 CONCLUSÃO

Ao iniciarmos nossa tese, utilizamo-nos da *Odisséia* de Homero como exemplo de um texto que captara completamente o espírito de sua época. A *Odisséia* continua, mesmo com o passar dos milênios e dos costumes em que foi criada, a ser considerada um dos marcos da literatura mundial, dada sua adequação periódica, envergadura da proposta e arte com a qual foi feita. Como repetimos à exaustão, nada nos moldes da *Odisséia* poderá, hoje, ser feito e pretender recepção igual à que as peripécias de Ulisses tiveram ao longo dos tempos. Se alguém a escrevesse hoje teria, sem dúvida, intenções bastante diferentes das que Homero teve. No mínimo, estaria procurando, na melhor tradição quinhentista (embora com cerca de quatrocentos anos de atraso), emular um mestre antigo, produzindo algo, no mesmo estilo, que pudesse até ser confundido com algo feito por aquele em quem se inspirou.

Mostramos nesta tese que Fernando Pessoa e toda a “Geração de *Orpheu*” foram uma antítese completa disso. Rompendo com o que havia antes deles, rejeitaram as amarras da emulação aos predecessores e mesmo as impostas pela realidade. Todas as novas formas de ver, experimentar e estar no mundo, trazidas pela urbanização, a velocidade, a tecnologia, etc. clamavam por uma mudança na percepção do homem em relação ao “mundo real”.

No século XIX, Baudelaire propôs que o artista observasse e trabalhasse em suas obras esse “mundo real”. Como demonstramos, para ele e os que seguiriam suas idéias, a matéria da arte deveria ser a rua, a vida, a sociedade, e tudo que houvesse nelas para ser visto. Assumindo o manto dos famosos arquétipos (*flâneur*, *voyeur*, trapeiro, etc.), o poeta moderno teria o mister captar a realidade múltipla e fragmentada de diversos ângulos diferentes e transformá-la em material

artístico. Notemos que os conflitos advindos da natureza dessa realidade não eram vividos apenas pelos artistas. Esses conflitos eram (e são) comuns a todos os seres humanos, que também lidam com eles diariamente.

Em Portugal, décadas depois, Pessoa e os de *Orpheu* foram ainda além, declarando a ascensão da poesia como a nova realidade. Afinal, para eles cada objeto ou ícone do que se considera tradicionalmente como “real” tinha se transformado ao longo dos tempos em representação de visões anteriores, impossibilitando a existência de olhares que se quisessem verdadeiramente “novos”, livres de influências e identificações indesejáveis com a “tradição”.

Baudelaire acredita que o ser-humano ainda pode encontrar seu lugar dentro da nova era, como fazia desde o alvorecer da história, multiplicando seu olhar e, assim, sua percepção. Pessoa preconiza a ruptura como a única saída verdadeira, desconstruindo a realidade para erigir algo novo em seu lugar. Desse modo, concluímos que as propostas de Baudelaire e de Fernando Pessoa, mesmo advindo de questionamentos semelhantes, geram formas bem diversas de lidar com eles. Podemos dizer que os de *Orpheu* retomam e transcendem conceitos e conflitos apontados pelo poeta francês, criando uma revolução literária sem precedentes.

Verificamos como a “Geração de Orpheu” volta-se contra ícones ou aspectos consagrados da cultura de Portugal, como Camões e o “nacionalismo português”. O grande autor de *Os Lusíadas* era visto como um obstáculo para o nascimento de qualquer coisa nova na poesia portuguesa, pois cada novo poeta era, inevitavelmente, forçado a emulá-lo ou, de alguma outra forma, prestar homenagem à obra do seu famoso e quase deificado antecessor. Já o nacionalismo literário tradicional era percebido por Fernando Pessoa como um traço negativo, por alimentar e evidenciar uma verdadeira miopia nacional, ajudando a vedar aos portugueses a capacidade de enxergar e entender o seu país como parte de algo maior: a Europa e o Mundo.

Procuramos diferenciar os termos “moderno” e “modernista”, mostrando como utilizaríamos cada um deles nesta dissertação, ligando o primeiro termo aos pensamentos de Charles Baudelaire, e o segundo ao surgimento posterior dos movimentos artísticos conhecidos como “vanguardas”, que colocariam a ruptura com o que havia anteriormente como o único grande valor existente.

Argumentamos também que, apesar de ser efetivamente a vanguarda da literatura em Portugal, *Orpheu* não pode ser confundido ou inserido no

vanguardismo do início do século, ou seja: na tradição de buscar o “novo” como um absoluto que acabaria por perder de vista todos os questionamentos e objetivos apontados por Baudelaire a respeito da modernidade. Vanguarda após vanguarda se criaram e se consumiram no vórtice devorador criado por elas próprias, erigidas sobre as cinzas de outros movimentos similares esgotados em suas breves vidas, e prontas para conhecer, após muito pouco tempo, a mesma sina. A “geração de *Orpheu*” nunca cortejou a ruptura como mais precioso valor, mas a utilizou com outro propósito.

O projeto de Fernando Pessoa, e de *Orpheu*, era outro: a construção de um universo onde a poesia substituiria a realidade conhecida, já incapaz de sustentar a si própria aos olhos dos jovens poetas portugueses. Serviam à grande inquietação do século e à necessidade de direcionar seu país para fora da estagnação em que se encontrava, em direção ao novo mundo que divisavam ao mesmo tempo que o criavam.

Teve grande participação nesse projeto a situação de Portugal no início do século XX, alijado da grande influência que tinham as nações industrializadas, como a Inglaterra. Isso fez também com que o progresso trazido pela revolução industrial e subsequente urbanização demorasse bastante a chegar a Portugal, que continuava um país essencialmente agrícola, envolto em seu próprio passado.

Realizamos uma breve pesquisa a respeito do antigo mito de Orfeu, nome escolhido pelos então jovens poetas portugueses para nomear sua revista. Nosso objetivo foi demonstrar que, apesar das várias diferenças essenciais, derivadas de tempo, espaço e cultura, o papel e, quem sabe, o destino do poeta continua sujeito àquilo que continuará sendo, ao mesmo tempo, sua cruz, realidade e divindade: a poesia.

Em seguida, buscamos examinar *Orpheu* como fato literário, observando características presentes em sua poética (mesmo que, segundo Almada, *Orpheu* jamais tenha tido um projeto poético plenamente desenvolvido como manifesto, por exemplo). Nossa intenção, que perpassa toda a tese, foi demonstrar como um grupo inovador de poetas conseguiu abalar as artes de seu país: era necessário mais do que os “-ismos” transplantados da Europa além-Pireneus (e os houve), ou mesmo a fabricação de novos “-ismos”, através de engenhosos processos de síntese e separação de imagens e planos narrativos. Foi necessário empreender

uma entrega total ao fazer poético, de forma a, através de “meros” versos, construir, de alguma forma, uma nova realidade.

Uma “poética de transcendência”, como podemos chama-la, exige muito daqueles que a criam, pois necessita que o poeta efetivamente “viva” essa realidade. A grande questão sempre foi como viver essa realidade e continuar sendo cidadãos considerados “normais”? Como espiralar novos mundos através de pena, imaginação, sentimento e muito trabalho, mantendo-se empregados, filhos, estudantes, engenheiros ou médicos? Alguns tiveram mais sucesso do que outros. A capacidade de despersonalização de Fernando Pessoa levou-o até 1935. Nem todos, porém, conseguiam ser múltiplos, impunemente. Sá-Carneiro, envolto em uma trama de amor, morte e sentimentos há muito represados e curtidos, sucumbiu à sua própria mão, em 1916.

A vida, de uma forma ou de outra, havia de levar mais cedo a maior parte da geração. Pestes, acidentes e até mesmo a loucura cobraram seu preço entre os de *Orpheu*.

Almada sobreviveu até à velhice. Talvez sua capacidade de se espriar pelas mais variadas áreas do fazer artístico (Almada já poderia, sem sombra de dúvida, ser considerado *multimedia* quando ainda nem se cogitava o uso de tal termo) tenha feito dele a quintessência do artista moderno. Enquanto Pessoa, sendo vários ao mesmo tempo, encabeça a constelação dos poetas de *Orpheu*, Almada Negreiros consegue, sendo Almada (além de “Poeta Português, Futurista e tudo” e “Narciso do Egipto”), criar uma vastíssima obra plástica e literária que se espria por várias décadas.

Encerramos aqui esta conclusão. Esperamos ter conseguido explicitar a grande importância de Fernando Pessoa e *Orpheu* para a literatura, além de mostrar suas relações com os temas da modernidade e, a partir deles, seu projeto poético para Portugal.

Este foi um dos casos em que buscamos escrever de maneira crítica sobre nosso autor favorito, como temos em nossa conta Fernando Pessoa. Em tais situações arriscamos, é claro, perder de vista a distância crítica necessária para a composição de um texto acadêmico tão importante quanto uma tese de doutorado, e a cometer deslizes motivados pela parcialidade. Procuramos ao máximo prevenir qualquer erro cometido nesse sentido.